
O primeiro romance picaresco¹

(fragmento selecionado por Elisa Maria Amorim Vieira – FALE-UFMG)

Na época do aparecimento do Lazarilho, a palavra “pícaro” servia em espanhol para designar, talvez, os rapazes que ajudavam nas cozinhas. Estendeu-se, depois, a todo tipo de desocupado ou subempregado que, sobrevivendo pela astúcia atingia facilmente a delinquência.² Em 1599, apareceria a primeira parte do romance *Guzmán de Alfarache*, de Mateo Alemán (1547 – post 1615). O protagonista do mesmo foi imediatamente identificado com os pícaros da vida real e seus leitores perceberam logo claras analogias entre o Guzmán e o Lazarilho. Passou-se, assim, a falar em “romances picarescos” para designar estes dois e uma série de textos publicados na Espanha durante a primeira metade do século XVII. Os acima mencionados, junto com *El Buscón*, de Francisco de Quevedo (1580 - 1645), costumam ser vistos como o núcleo desse conjunto clássico espanhol.

O romance picaresco iria se projetar, posteriormente, no restante da Europa onde — principalmente na Alemanha, Inglaterra e França — registram-se romances inspirados no modelo espanhol, publicados durante os séculos XVII e XVIII. Nos séculos XIX e XX é possível verificar, em diversas literaturas, especialmente ibero-americanas, o aparecimento de narrativas que, propositalmente ou não, respondem ao que poderia ser um conceito de romance picaresco.

O *Lazarilho de Tormes* é o ponto de partida dessa longa série. Tentar definir o que é um romance picaresco não é tarefa fácil. Um trabalho nesse sentido merecidamente conhecido é o artigo de Cláudio Guillén “*Toward a definition of the picaresque*”.³ No entanto, procurando um enunciado mais sintético, propomos entender aqui romance picaresco como sendo a pseudo-autobiografia de um anti-herói, definido como um marginal à sociedade, o qual narra suas aventuras que, por sua vez, são a síntese crítica de um processo de ascensão

¹ Retirado de: GONZÁLEZ, M. M. Introdução. In: *Lazarillo de Tormes*. São Paulo: Scritta; Consejería de Educación, 1992. (Edição bilíngue).

² Como o texto é de 1992, atualizamos a ortografia.

³ Vide *Literature as system: essays toward the theory of literary History*. Princenton: Princenton Univ. Press, 1971, p. 71-106.

social pela trapaça e representam uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro, seu protagonista.

O principal traço formal da picaresca é – ao menos no seu início – o seu caráter autobiográfico, ou seja, o narrador de primeira pessoa. No entanto, já na Espanha do século XVII, haverá romances picarescos com narrador de terceira pessoa, o que nos leva a não impor a autobiografia como *conditio sine qua non* para o caráter picaresco de um romance. No *Lazarillo*, a introdução da primeira pessoa narrativa significa um dos traços da ruptura com o modelo do narrador onisciente de terceira, cuja autoridade era fundamental nos livros de cavalaria.

É conveniente levar em conta que Lázaro, e os pícaros clássicos em geral, apresentam-se como portadores de um projeto pessoal de ascensão social. No entanto, eles excluem desse projeto o trabalho, já que na Espanha dos Austrias (1517 - 1700), aparecia muito mais como um obstáculo à ascensão, visto que a não dependência do trabalho era requisito para a obtenção de títulos de nobreza. O “homem de bem” com quem o pícaro aspira a se confundir não pertence ao universo do trabalho. Pelo contrário, é definido por uma aparência que o separa deste. Assim sendo, o pícaro procura parecer, o quanto antes, um “homem de bem” e, para tanto, terá na obtenção da roupa adequada um dos seus alvos mais imediatos.

A realização do projeto ascensional do pícaro não pode ter, então, outro caminho que o da aventura, que é inseparável da trapaça; aspectos que, mesmo que minimamente, já constam do processo a que se submete Lázaro.

Assim sendo, os romances picarescos terão sempre um forte sentido de sátira social. No caso dos romances picarescos espanhóis clássicos, a sátira aponta os mecanismos de ascensão social válidos numa sociedade que rejeitava por princípio os valores básicos da burguesia e na qual o parecer prevalecia nitidamente sobre o ser.